

SUBMISSÃO DE RESUMO PARA GT - GT 07 - POLÍTICAS DA VIDA E DO  
VIVER: DIÁLOGOS SOBRE GOVERNO E ABANDONO

**A ONTOLOGIA DO SOFRIMENTO: MEDICALIZAÇÃO, PERTENCIMENTO E  
PRODUÇÃO POLÍTICA DAS FORMAS DE EXISTIR**

*Yasmin Vitória Silva Gonçalves (yasminvitoria.play@gmail.com)*

O sofrimento psíquico passou a ocupar lugar central nas formas contemporâneas de compreender a experiência humana. A medicalização pode ser compreendida como a expansão de categorias médicas sobre dimensões da vida social, transformando experiências antes interpretadas em termos morais, sociais ou existenciais em problemas clínicos. Observa-se, no cenário contemporâneo, a consolidação de uma cultura somática, caracterizada pela tendência de explicar a vida psíquica com base em processos corporais e biológicos. Nessa perspectiva, a experiência subjetiva é compreendida como um fenômeno socialmente mediado, de modo que categorias diagnósticas não apenas descrevem o sofrimento, mas influenciam as formas pelas quais os sujeitos interpretam e significam suas próprias vivências. Assim, produzem-se regimes de inteligibilidade que definem quais formas de sofrimento podem existir socialmente e como são reconhecidas, contribuindo para a organização das formas de existir. O objetivo geral deste trabalho é analisar como a medicalização e as produções políticas de cuidado contribuem para transformar o sofrimento em categoria estruturante das formas contemporâneas de existência. Como objetivos específicos, busca-se: discutir o deslocamento do sofrimento da esfera da experiência existencial para a classificação clínica; examinar como categorias diagnósticas operam como

dispositivos de reconhecimento e pertencimento social; e problematizar as implicações políticas para a constituição das subjetividades contemporâneas. A pesquisa possui caráter teórico-conceitual, baseada em revisão e articulação crítica de literatura nas áreas de filosofia social, teoria crítica e estudos sociais da saúde. A análise dialoga com a noção de biopolítica formulada por Michel Foucault, compreendendo a medicalização como parte de tecnologias de governo que administram a vida, regulam populações e produzem subjetividades. O trabalho também mobiliza contribuições da psicologia histórico-cultural de Lev Vygotsky e reflexões sobre poder e subjetivação presentes na obra de Byung-Chul Han. Como problema da pesquisa, investiga-se de que modo a medicalização transforma o sofrimento em categoria ontológica e política capaz de organizar modos de ser, pertencimento e reconhecimento social. Argumenta-se que a medicalização não apenas descreve o sofrimento, mas participa da produção de regimes de inteligibilidade que definem quais experiências podem ser reconhecidas socialmente. Nesse processo, o sofrimento deixa de ser uma experiência existencial e ocupa posição central na organização das identidades, operando simultaneamente como dispositivo de cuidado e de normalização, ao produzir formas específicas de subjetivação e redefinir critérios pelos quais determinadas experiências são legitimadas ou classificadas como patológicas. Assim, evidencia-se que o sofrimento é constituído através de produções histórico-sociais e atravessado por relações de poder.

Palavras-chave: medicalização; sofrimento psíquico; subjetividade; biopolítica; pertencimento social.